

História

Mil faces da Sé

Praça teve cinco versões diferentes após a demolição da antiga catedral

PMS	CLM/N
Jornal	Correio da Bahia
Data	16/09/01
Colunista	Repórter
Seção	
Assunto	ÁREA VERDE Praça de Sé

Andreia Santana

“Aqui é onde estão precisando de um menino para mandados?” A pergunta, feita pelo rapazola de 13 anos, calças curtas, suspensórios e boné, em busca do primeiro emprego na Salvador de 1929, marcaria para sempre o destino de Abdon Matos Rosado, uma das raras testemunhas vivas - fora do ambiente acadêmico - da metamorfose dos 68 anos de existência do Largo, e posteriormente, da Praça da Sé. Livreiro há 70 anos na Praça da Sé, seu Abdon, hoje com 85, acompanhou passo a passo todas as mudanças ocorridas na antiga freguesia fundada no século XVI, pelo bispo d. Pero Fernandes Sardinha. Desde menino, ele já passeava pelas ruas estreitas e se abrigava na sombra dos casarões ou na porta da antiga catedral para conversar com os companheiros da mesma idade. Um dia, motivado pela necessidade em ajudar a família numerosa, foi pedir emprego na Livraria Galdino. Assim começou a carreira do livreiro mais antigo da Bahia ainda em atividade, terceiro filho de uma escadinha de 12 irmãos.

Ao longo de quase sete décadas, milhares de pessoas pisaram o chão sacramento pelo arcebispo primaz e modificado pela ação de arquitetos, engenheiros e até artistas. Só que Abdon Rosado, como sempre trabalhou na Sé, viu cada detalhe ser tirado ou acrescentado primeiro no bairro, depois no largo, e finalmente na praça que faz parte de sua rotina desde a adolescência. A Igreja primacial do Brasil foi derrubada em 1933, dando origem ao Largo da Sé e deixando o caminho livre para as linhas do bonde da Companhia Circular de Carris da Bahia. O aprendiz de livreiro tinha 17 anos e também viu desaparecer os dois quarteirões de casas coloniais dos séculos XVIII e XIX, demolidos pouco depois do templo. Era só o começo das reformulações que a Sé sofreria com o passar dos anos. Já estabelecido em negócio próprio, seu Abdon veria a casa onde funcionava a editora de Galdino Loureiro ser demolida numa reforma futura do bairro e no seu lugar ser construído o Edifício Thomis. “Minha recordação mais viva da Sé era o passadiço que ligava a igreja ao Paço Arqueiepiscopal. Havia também a passagem ligando a Rua da Misericórdia à Rua do Bispo. O bonde passava no fundo da igreja e a companhia dizia que era preciso fazer uma volta muito grande para ele alcançar a Misericórdia. Se a antiga catedral fosse retirada, esse problema ficava resolvido. A decisão de derrubar a Sé marcou o fim de uma era”, recorda.

Para estudiosos do assunto como o professor Fernando Rocha Peres, diretor do Núcleo de Estudos Baianos da Ufba, a desobstrução da rua para deixar o bonde passar era só um dos motivos para derrubar a igreja que sediou o primeiro arcebispado do país. Já em 1912, o então governador J. J. Seabra desejava substituir a catedral por ruas largas e modernas avenidas. Para alcançar esse fim, ele começou a derrubar as antigas construções coloniais que “atrapalhavam o progresso de Salvador”. No livro Memória da Sé, Peres afirma que desde essa época, o destino da igreja foi selado. O que, segundo ele, a preservou ainda por alguns anos foram as negociações entre a arquidiocese e a empresa concessionária do bonde sobre a quantia da venda do templo. “A Sé foi vítima de urbanistas deslumbrados com o progresso de-



Primeiro largo, construído após a demolição da igreja para a instalação da linha de bonde

molidor. Durante a projeção da Avenida Sete de Setembro, a idéia era derrubar o Mosteiro de São Bento, o que não aconteceu devido ao prestígio dos beneditinos. Se o patrimônio histórico não tivesse sido criado em 37, os prédios do Centro Administrativo fatalmente estariam no Pelourinho”, acrescenta o pesquisador.

Arcebispo da Bahia

Corria o ano de 1552, o bispo d. Pero Fernandes Sardinha atravessou o Atlântico com a missão de fundar a primeira Sé do Brasil, sede do seu arcebispado. Ao desembarcar em Salvador, constatou que a cidadela murada não possuía espaço para abrigar o novo templo. A capelinha que fora construída pelos padres jesuítas também não era digna de ser morada do bispo primaz. Acanhada, feita de taipa e palha, a igreja de Nossa Senhora da Ajuda podia até servir para os primeiros habitantes da colônia fazerem suas orações, mas não comportava ofícios da importância de um bispado. A solução encontrada por Sardinha foi literalmente saltar os muros da cidade e mandar construir um templo mais significativo do lado de fora. Os jesuítas, interessados em abrir seu colégio, foram com ele.

No espaço, que hoje é conhecido como Praça da Sé, a cidade de Thomé de Souza começou a expandir-se. A própria aparência que Salvador tem atualmente seria outra se o bispo devorado pelos caetés de Alagoas não tivesse insistido em ultrapassar os limites da cidadela fortaleza projetada por Luís Dias. “O sítio onde hoje existe a praça e onde até 1933 a Igreja da Sé Primacial do Brasil dominou a paisagem foi o primeiro impulso para expandir o núcleo primitivo de Salvador. A cidade de Thomé de Souza se estendia apenas da Praça Castro Alves até a Misericórdia, depois do início da construção da Igreja da Sé e do Colégio dos Jesuítas, ela cresceu até chegar

ao Pelourinho”, explica o arquiteto Francisco Sena, presidente da Fundação Gregório de Mattos, onde estão guardados os registros fotográficos de todas as etapas vividas primeiro pelo largo e depois pela Praça da Sé desde a destruição da igreja.

A praça que não era

Quatro séculos e meio depois de Sardinha ter enfrentado o perigo da floresta e dos ataques indígenas para construir a sede do bispado, a Praça da Sé, que está em sua quinta versão, guarda no seu subsolo a íntima relação com a expansão da cidade colonial. Debaixo do calçamento de granito e do atual projeto urbanístico, descançam os restos da igreja e das sucessivas praças que existiram após sua derubada. Cada uma delas, modificadas em curtos espaços de tempo, serve como registro da velocidade com que Salvador cresceu no século XX.

A primeira particularidade na história da Praça da Sé, no entanto, é que o espaço não foi projetado necessariamente para ser uma praça. Aliás, o local era conhecido como bairro da Sé, o mais antigo da capital, remanescente da freguesia criada por Sardinha. A igreja foi sacrificada em prol da abertura de novas vias de circulação. A área passou a chamar-se Largo da Sé, reurbanizado e inaugurado entre o final dos anos 30 e o começo dos 40. No adro do templo, catedral da cidade até 1765, era onde existia realmente uma pracinha chamada Dona Isabel. Ela também foi reformulada, originando o Belvedere da Sé, o único ponto que realmente lembrava uma praça, com bancos, árvores, a vista para a Baía de Todos os Santos e uma sorveteria.

Durante mais de três séculos, a visão de quem chegava por mar em Salvador ou olhava para a montanha a partir da Cidade Baixa, era a igreja. Construída voltada para o mar, a Sé foi usada como fortaleza pelos holandeses na invasão de 1624 e co-

mo ponto de defesa dos portugueses, na de 1638. A então freguesia, até a primeira metade do século XIX, era a mais prestigiada dentre as dez que compunham Salvador. Primeiro porque nela ficava a catedral, a Santa Casa de Misericórdia, o Palácio do Bispo e o Colégio dos Jesuítas. Segundo porque a montanha onde estava encravada a igreja era ponto crucial na defesa da cidade.

O bonde, que selou oficialmente o fim da igreja e marcou o nascimento do largo, deixou de circular em 1960, sendo substituído pelos ônibus coletivos gradativamente já a partir dos anos 50. Nessa época, o sítio da Sé sofreu sua segunda mudança, com a construção de um terminal para os ônibus. Quando chegou a Salvador, em 59, Armindo Perez Bollosa ainda alcançou o bonde circulando no bairro, além de ter visto a grande movimentação de pedestres no terminal e nas casas comerciais da região. A Sé e a Rua Chile eram os pontos mais elegantes da cidade na década de 50. Lá ficavam os melhores cafés e as lojas de renome.

Terceira geração a cuidar da Primavera Musical, que está na Sé desde 1876, seu Armindo, que tem 57 anos, apesar de não ter visto a antiga catedral de pé, lamenta o fato de ela ter sido derrubada para dar lugar a um meio de transporte desaparecido menos de 30 anos depois. “O terminal de ônibus possuía linhas para todos os cantos da cidade. A Sé era o centro de onde todo mundo se deslocava para o resto de Salvador por isso, vivia apinhada de gente. Para implantar os pontos de ônibus talvez nem houvesse necessidade de destruir a igreja”, opina.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

Erro histórico

Destruição não impediu que a área virasse 'point' da boemia na velha Salvador

A antiga Sé foi demolida em 1934 para dar lugar a linha de bonde e à primeira versão da praça

O busto de D. Sardinha demarcava o exato local onde ficava o altar-mor da Catedral da Sé. A homenagem ficou acertada entre o arcebispado e a diretoria de obras da prefeitura quando da discussão sobre os termos de desapropriação da igreja demolida. Em novembro de 1941, o projeto recebeu a aprovação do município. Três anos depois, em 29 de junho de 1944, D. Sardinha, todo em bronze sobre um pedestal de cantaria, ganhou lugar de honra no Largo da Sé. Para quem sentia saudades da sombra da igreja, a estátua funcionava como um lembrete do erro histórico cometido com seu desaparecimento. De 44 até a reformulação iniciada em 98, D. Sardinha permaneceu no seu posto de guardião de um passado equivocado. Na versão mais moderna da praça, a estátua mudou de lugar, passando ainda a receber a companhia de um Thomé de Souza, obra em tamanho natural confeccionada pelo artista plástico Vaulúzio Bezerra. A demarcação do altar também desapareceu. Ao invés de assinalar o ponto chave da ex-catedral, o novo projeto optou por exibir os alicerces de suas quatro quinas.

No início dos anos 80, mais uma vez a Sé sofreria mudanças. Com a construção da Estação da Lapa, em 1982, os antigos pontos do largo foram desativados e a Sé virou um imenso calçadão. Ganhador da licitação para realizar a decoração daquela nova fase, o artista plástico Juarez Paraíso foi buscar nos desenhos do entalhe de prata do antigo altar-mor da catedral a inspiração necessária para compor os desenhos que seriam aplicados no calçadão, no passeio e nas transversais da Sé. "Pesquisei sobre os antigos entalhes do altar-mor e estilizei alguns detalhes compondo os desenhos que seriam aplicados em pedra preta, branca e cinza. Além da estátua do arcebispo, os próprios desenhos no chão também reverenciariam a igreja primaz", explica Juarez Paraíso.

Incentivo à cultura

A relação da Sé com a arte e a cultura começou com a própria igreja, considerada pelo cronista Gabriel Soares como uma das mais magníficas de seu tempo. Por herança, essa relação perdurou na praça e principalmente no belvedere. "Minha primeira exposição individual ao ar livre foi no antigo Belvedere da Sé, em 1955. O local era ponto de encontro de intelectuais, artistas e da velha boemia de Salvador", revela o artista plástico Mário Cravo, autor da Cruz Caída em aço instalada na nova versão do Belvedere. Seu Abdon Rosado, recorda que muitos dos ex-governadores de Salvador costumavam dar passeios na praça e no belvedere. "Os cafés viviam cheios de escritores como Jorge Amado, Pinheiro Viegas e Queiroz Júnior, grandes destaques da época. Tinha também um caricaturista chamado Barros, ele retratava figuras famosas, artistas, políticos, magistrados e fazia muito sucesso entre os frequentadores da Sé", conta o livreiro.

No antigo belvedere foi exposta até a carcaça de uma baleia. Além disso, um palco armado no espaço servia para apresentações de boxe e capoeira. Outra peça que decorava o belvedere e depois retirada, foi o mural feito pelo gravador alemão radicado no recôncavo baiano Hansen Bahia. Este mural foi uma das obras de arte destruídas durante uma das reelaborações da área.

Antigas ligações

Juarez Paraíso também possui relações com a Sé anteriores ao trabalho que fez na praça em 82. Ele manteve um ateliê na Rua do Bispo por cinco anos. "Quando era professor da Escola de Belas Artes, costumava levar meus alunos para o Belvedere, onde eles desenhavam os capoeiristas que se apresentavam lá", acrescenta. Frequentador da praça em diversas fases, o artista lamenta o estado de degradação que atingiu a Sé no final dos anos 80, quando seu comércio entrou em decadência. A destruição do calçadão que ele executou foi outro episódio que desagradou Paraíso. "Achei uma falta de con-

sideração não ser avisado que o trabalho seria destruído. Mas já estou acostumado", diz, referindo-se aos painéis que perdeu com a venda do antigo Cine Art, no Politeama, transformado em igreja evangélica. Em 1991, quando um segundo terminal de ônibus foi instalado na Sé a pedido dos comerciantes da área, metade da obra realizada pelo artista foi perdida, restando ainda o sítio do altar-mor com o busto de D. Sardinha. Nessa época, a Sé teve sua quarta versão, mantida até 98, quando a prefeitura decidiu dar outro uso ao histórico chão da praça.

Sítio arqueológico

As escavações para a reforma atual da Praça da Sé revelaram um dos mais importantes sítios arqueológicos encontrados recentemente no Brasil. No projeto atual, concebido pelo arquiteto Assis Reis, já estava previstas a exibição dos alicerces da antiga catedral de Salvador. Segundo ele, o arquiteto Diógenes Rebouças costumava falar sobre a necessidade de fazer uma prospecção arqueológica na Sé. Tanto que, quando os especialistas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Ufba começaram a cavar, surpreenderam-se com as descobertas. As escavações, coordenadas pelo professor Car-

los Etchevarne, atrasaram a conclusão da obra e foram responsáveis por algumas mudanças no projeto original. O resultado, porém, confirmou as afirmações dos especialistas que atestam que na Praça da Sé está um dos sítios históricos mais significativos do país.

"Uma das maiores surpresas para a população foram os esqueletos encontrados no subsolo da praça. Na verdade, já esperávamos que isso acontecesse, porque até a segunda metade do século XIX não existiam cemitérios públicos e as pessoas eram enterradas no interior e no entorno das igrejas", informa a arqueóloga Ana Cristina Souza, integrante da equipe que estuda a Sé. De acordo com ela, apesar dos esqueletos achados ainda estarem sendo estudados, tudo indica que eles pertenciam a índios catequizados, negros e brancos pobres. Isso porque dentro das igrejas eram enterrados os membros do clero, das irmandades e das famílias nobres. Ao resto da população, restava o adro como representação de solo santificado. Além dos esqueletos, louças portuguesas, colares e artefatos indígenas estavam misturados ao solo da praça. Muitas peças, porém, talvez nunca tenham sua origem revelada, pois elas foram jogadas na Sé quando o espaço onde está o belvedere foi aterrado. "Conseguimos

achar indícios da antiga pracinha que existia antes do belvedere. O resto do material está descontextualizado porque não sabemos de que parte da cidade ele veio, mas serve como um bom ilustrativo de períodos remotos", acrescenta a arqueóloga.

Design moderno

O último trecho da nova Praça da Sé ainda está por concluir. Outra prospecção arqueológica no local onde existiu um dos pavilhões do Colégio dos Jesuítas revelou alguns alicerces do antigo prédio e alteraram os planos de transformar aquele trecho num memorial para a cidade de Salvador. Segundo Assis Reis, esse setor da praça já foi revisado e a sugestão dada pelo arquiteto é a de substituir o projeto do memorial, que seria subterrâneo, por uma fonte luminosa. "A secretaria de planejamento e os técnicos do museu de arqueologia estão nos entendimentos finais sobre o destino daquela área", diz.

Para os comerciantes da Sé, a nova praça, apesar de dar um uso mais turístico ao ambiente, ainda não é a solução ideal, do ponto de vista de quem precisa de movimento frequente para sobreviver. Seu Armindo Bollosa, por exemplo, gostaria que tivesse sido projetado um estacionamento subterrâneo. O que deve ter sido descartado devido ao valor histórico do subsolo da Sé. "Esse novo projeto é bonito, mas tem um uso muito turístico, o comércio não pode sobreviver apenas da sazonalidade do turismo", queixa-se o comerciante.

De acordo com Assis Reis, o novo design, em vez de ferir a harmonia com os prédios centenários, como o do Paço Arqueiepiscopal, pretende antes "propor um novo e rico uso público para a Praça da Sé, criando um ambiente de convivência coletiva", explica. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) não pensa assim: a área para prestação de serviços projetada para o Belvedere, por exemplo, teve de sofrer a diminuição em um metro na sua altura, depois que o Iphan reclamou que o prédio afetaria a visão da Santa Casa de Misericórdia.

"Quando solicitado para reinterpretar o Espaço da Sé, fui tomado pelo sentimento que reconhece no fundamento da minha obra, os valores estruturais e culturais da nossa cidade. Assim, pensar na Sé foi pensar no lugar, no tempo e na memória", enfatiza o arquiteto, defensor do casamento entre história e contemporaneidade. A nova cara da Sé, ou melhor, todas as faces que ela já revelou até hoje, dividem opiniões. Tem quem goste e tem quem critique. Na verdade, os motivos variam de acordo com o tipo de relacionamento que cada um tem com a praça. Os comerciantes pensam na subsistência, os arquitetos na evolução e os historiadores queriam que o tempo voltasse e que essa matéria fosse escrita de outra maneira. Talvez, narrando todo o Centro Histórico em festa, para a reinauguração da Catedral da Sé restaurada, ao invés de demolida. Restam as fotografias como memória dos erros, acertos e, principalmente, da passagem do tempo na Sé.



Acervo da Fundação Gregório de Mattos



Inspirado no entalhe de prata do altar-mor da antiga igreja, Juarez Paraíso compôs os novos desenhos da Sé

Acervo de Juarez Paraíso